



Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

1. Economia e Mercados Financeiros

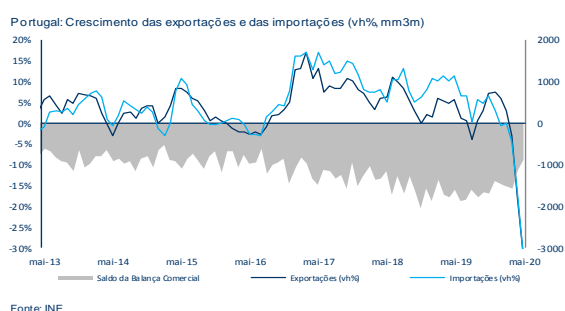
1.1 Economia

Os indicadores divulgados na semana anterior, em particular de produção industrial (maio), revelaram que ao contrário do consumo das famílias, a atividade em outros setores, como o industrial, tem recuperado de forma muito mais lenta.

Em **Portugal**, o **índice de preços no consumidor** registou uma variação homóloga de 0.1% em junho de 2020, superior em 0.8 p.p. à registada no mês anterior. O indicador de inflação subjacente (índice total excluindo produtos alimentares não transformados e energéticos) registou uma variação de 0.2%, +0.6 p.p. face a maio.

De acordo como INE, as **exportações e as importações** de bens registaram variações homólogas de -39.0% e -40.2% em maio, respetivamente (-40.1% e -39.5% em abril de 2020). Todas as categorias de produtos apresentaram decréscimos significativos, destacando-se as exportações e importações de material de transporte (-54.0% e -66.6%, respetivamente). Em termos mensais, verificou-se uma recuperação ligeira, com uma variação positiva de 14.4% e 5.2% das exportações e importações. O défice da balança comercial de bens diminuiu €722 milhões face ao mês homólogo de 2019, atingindo €908 milhões em maio de 2020.

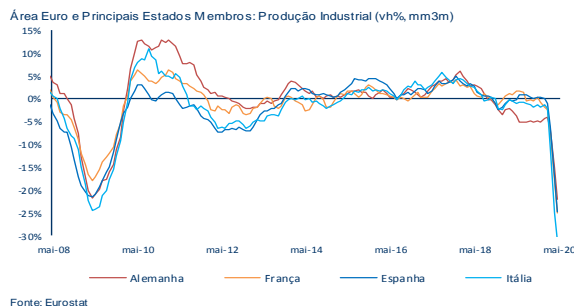
Ainda em Portugal, de acordo com as intenções manifestadas pelas empresas no *Inquérito de Conjuntura ao Investimento* de abril de 2020 (inquérito entre 1 de abril e 25 de junho de 2020), o **investimento empresarial** em termos nominais deverá diminuir 8.9% em 2020, o que compara com a previsão inicial de aumento de 3.6% no inquérito de outubro de 2019 sobre as intenções para 2020. Isto reflete o impacto da pandemia COVID-19 na atividade económica e nas expectativas das empresas e corresponde à leitura mais baixa desde 2012.



Na **Área Euro**, o indicador **Sentix** de confiança dos investidores registou uma ligeira recuperação pelo terceiro mês consecutivo, neste caso ao passar de -24.8 pontos para -18.2 em julho, o que corresponde ao valor mais elevado desde março passado. As **vendas a retalho** evidenciaram uma forte subida correspondente a uma variação de 17.8% no mês de maio, após uma queda de -12.1% no mês anterior. Em termos homólogos, o valor continua a registar uma queda de 5.1% (-19.6% em abril).

Mesmo que de forma mais modesta que o consumo, por toda a **Europa** observaram-se os primeiros sinais de recuperação no setor industrial, a publicação dos indicadores referentes ao mês de maio. No caso da **Alemanha**, o indicador de **produção industrial** registou um crescimento mensal de 7.8%,

o que representa uma retoma apenas parcial face à queda de -17.5% no mês anterior. Face aos valores observados no ano anterior, o nível permanece ainda 19.3% abaixo. Em **Espanha** e na **França**, as variações mensais foram superiores com 14.7% (após -22.1%) e -19.3% (-25.0% no mês anterior), respetivamente. A maior recuperação mensal observou-se em **Itália**, com uma variação em cadeia de 42.1%, após -20.5% em abril.



Nos **EUA**, o indicador de **confiança dos empresários nos serviços**, medido pelo ISM, registou uma subida acentuada de 45.4 para 57.1 pontos no mês de junho, o que corresponde ao valor mais elevado em quatro meses. Esta melhoria surge após uma altura em que muitos serviços encerraram por completo. Já o indicador referente ao emprego permanece baixo, ainda que tenha melhorado de 31.8 para 43.1 pontos, mantendo-se, por isso, em terreno de contração. Em contrapartida, o mesmo indicador, medido pelo PMI, subiu apenas 1.2 pontos, fixando-se em 47.9.

1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, dia 10 de julho, às 12h00)

Nos mercados financeiros, a semana foi marcada pelo aumento da incerteza em torno das perspetivas económicas e da retoma da atividade face à manutenção de níveis elevados de propagação da epidemia em países emergentes de grande dimensão, assim como nos EUA. Em face desta conjuntura, os investidores voltaram a investir em classes de ativos mais defensivas, como as obrigações de dívida soberana e o ouro.

No **mercado monetário**, as taxas Euribor mantiveram a tendência de descida nos principais prazos de referência para maturidades até 1 ano, reflexo da melhoria das condições de liquidez, apesar de notícias que dão conta da intenção por parte do Conselho Europeu de reduzir o orçamento para a União Europeia negociado no mês de junho.

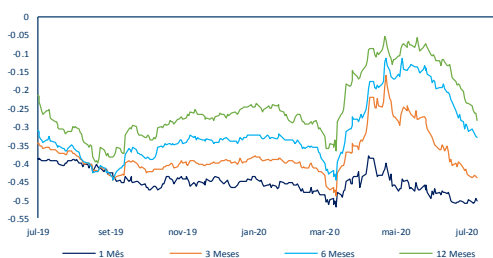
As taxas diminuíram entre 0.1 p.b. a 1 mês (-0.503%) e 4.6 p.b. a 12 meses (-0.284%). Desde o início do ano, as maiores descidas atingem os 6.5 p.b. e 5.7 p.b. a 1 e 3 meses (fixando-se neste caso em -0.44%).

Nas **obrigações de dívida soberana** as *yields* a 10 anos assinalaram uma diminuição generalizada em função da preferência dos investidores por esta classe de ativos em detrimento de outras de maior risco.

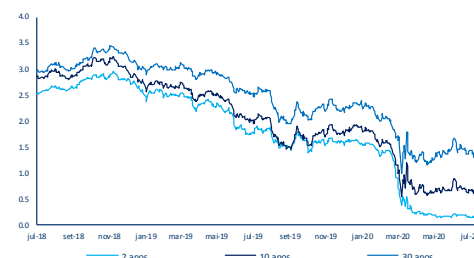
Destaque para a queda em torno de 7 p.b. das taxas dos EUA e da Suíça, que se fixaram em 0.62% e -0.47%, seguido pela taxa na Alemanha (-4.6 p.b. para -0.48%). No caso das *yields* norte-americanas, os prazos mais longos da curva de rendimentos encontram-se nos valores mais baixos desde o final de abril, altura do pico da pandemia e da volatilidade registada desde o início da crise. Os 30 anos norte-americanos desceram 11 p.b., para 1.32%.

No caso da periferia europeia, enquanto em Itália e em Espanha se verificaram reduções de 3 p.b., já em Portugal a variação não foi além de -1.2 p.b., com a respetiva taxa a fixar-se em 0.42% e o *spread* face à Alemanha a alargar para 90 p.b..

Evolução das taxas Euribor



EUA: Evolução das taxas de rendibilidade das obrigações soberanas - %



Nos **mercados de ações**, os principais índices das economias desenvolvidas registaram variações menos positivas, com a aproximação da apresentação de resultados trimestrais das empresas a partir da próxima semana.

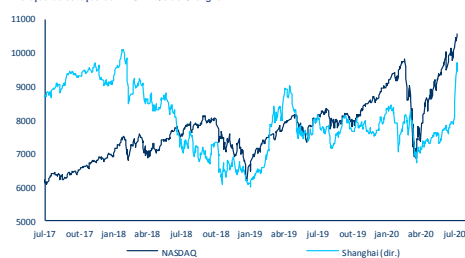
Na Europa, o *Eurostoxx600* subiu 0.9% (+2.1% na semana anterior) com os índices em destaque a corresponderem ao *DAX* alemão (+1.4%) e ao *MIB* italiano (+0.8%), enquanto o *IBEX* espanhol (-0.6%) e o *CAC* francês (-0.2%) apresentaram quedas. O *PSI20* português valorizou 1.9% depois de 1.2%. A nível setorial, destaque para a *energia* (+2.6%) e para a *tecnologia* (+3.0%). O sentimento mais positivo em torno do setor tecnológico foi semelhante nos EUA, com o *NASDAQ* a valorizar 3.6% (+17.8% em 2020), acentuando a divergência face aos restantes setores da economia e índices, que no caso do *S&P500* e do *Dow Jones* as valorizações corresponderam a 1.2% e 0.6%, após 4.0% e 3.3%.

Nos mercados emergentes, o sentimento foi mais positivo, com o *MSCI* a apreciar 4.5%, aproximando-se dos máximos plurianuais e pré-crise, destacando-se o *Shanghai* chinês (+7.3%).

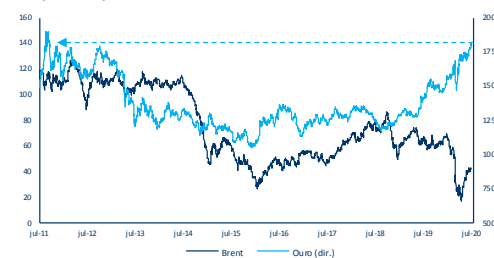
Nos **mercados cambiais**, o dólar efetivo registava uma depreciação de 0.5% contra um cabaz de moedas representativas dos seus principais parceiros comerciais, com os investidores a optarem por investimentos em outras geografias e moedas, como o *iene* que apreciou 0.7% contra o *dólar*.

Nas **matérias-primas**, o *brent* desvalorizou 2.1%, encerrando a \$41.5/barril, enquanto os metais preciosos como o ouro voltaram a atingir máximos em 2020, ao subir 1.8% na semana (19.2% no ano e máximo desde 2011).

Evolução da cotação do NASDAQ e do Shanghai



Evolução da cotação do Brent e do ouro



Temas da semana

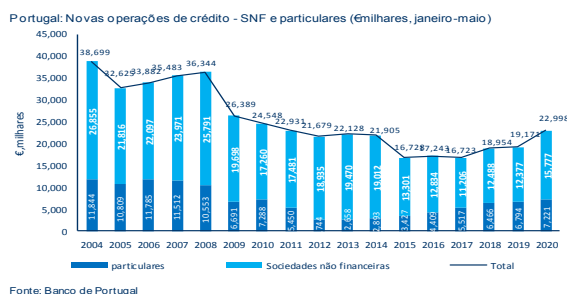
2.1 Estatísticas Monetárias e Financeiras do Banco de Portugal

O Banco de Portugal divulgou as estatísticas monetárias e financeiras referentes ao mês de maio de 2020, com destaque para a evolução das novas operações de crédito concedidas às empresas e para os depósitos bancários.

Os valores das **novas operações de crédito** averbaram um aumento de 46.0% em maio, comparado com o observado no mês homólogo, de €6.091 milhões, o valor mais elevado num só mês desde dezembro de 2010, para um total acumulado desde o início do ano de €22.998 milhões, máximo desde aquele mesmo ano.

O destaque foi o crescimento de crédito concedido às sociedades não-financeiras, de €4.910 milhões, um aumento 86.6% face a 2019, e praticamente o dobro do montante do mês anterior (€2.685 milhões).

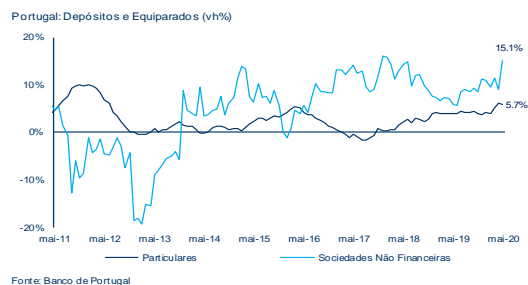
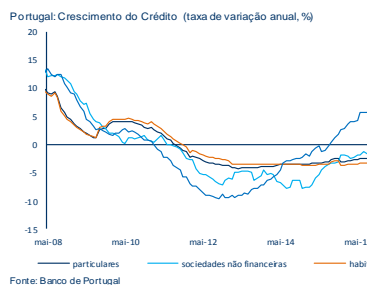
No que concerne ao crédito concedido aos particulares, este continua a assinalar variações homólogas negativas, agora de -23.3%, a mais acentuada desde outubro de 2012, no montante de €1.139 milhões. O menor ritmo de expansão deste crédito observou-se no segmento ao consumo e outros fins, com uma variação homóloga negativa pelo segundo mês consecutiva, desta feita de 36.6%. A queda observou-se também no crédito concedido às famílias para habitação (-14.5%).



Relativamente à evolução dos **stocks de crédito**, os empréstimos concedidos a sociedades não financeiras aumentaram €1970 milhões em relação a abril, para um total de €69.7 mil milhões, apresentando uma **taxa de variação anual (TVA)** de 4.6% (2.5% no mês anterior) e o máximo desde junho de 2009. Este aumento foi mais notório nas *indústrias transformadoras* (€571 milhões), no *comércio e retalho* (€508 milhões) e no *alojamento e restauração* (€443 milhões), alguns dos setores mais afetados negativamente pela pandemia.

No que diz respeito aos empréstimos a particulares, registou-se um aumento ligeiro (€132 milhões) para €118.8 mil milhões, sem alteração da TVA (1.6%). O ritmo de concessão de empréstimos a particulares para consumo continua em queda e em maio a variação caiu 0.5 p.p., para 4.8%, o mínimo desde maio de 2016 e -2.8 p.p. face a igual período do ano anterior. Em sentido contrário, nos empréstimos a particulares para habitação, a variação foi positiva (0.1 p.p.), para 1.6%, o ritmo mais forte desde junho de 2011.

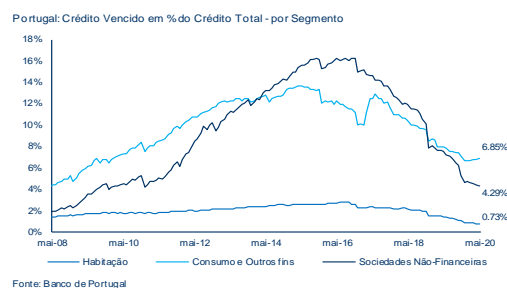
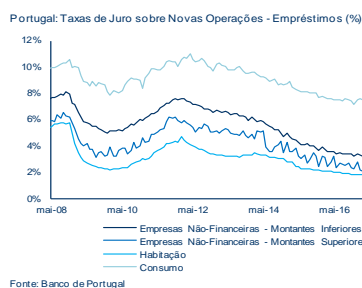
Os **depósitos** de particulares somavam €155.2 mil milhões em maio, ao qual corresponde um aumento de €912 milhões e uma TVA de 5.7% (-0.3 p.p.), mas ainda assim o ritmo mais forte desde 2012. No mesmo sentido, a TVA nos depósitos das sociedades não-financeiras subiu para 15.1%, +6.1 p.p. face ao mês anterior.



Em maio, observou-se uma subida da **taxa de juro de novas operações** a particulares, tanto no segmento de crédito ao consumo (+0.60 p.p., para 6.63%), como no crédito à habitação pelo segundo mês consecutivo ao passar de 1.03% para 1.11%. Nas empresas, as taxas diminuíram de forma acentuada: -0.69 p.p. para 1.60%, nos montantes inferiores a €1 milhão; e -0.34 p.p. para 1.46%, nos montantes superiores a €1 milhão, fixando-se ambas em novos mínimos.

Os montantes de **crédito vencido** continuam estáveis, com o rácio global de crédito de cobrança duvidosa a fixar-se em 2.88% (-0.11 p.p. em 2020) no mês de maio.

A tendência de redução continua a observar-se ao nível das sociedades não financeiras, ao passar de 4.41% para 4.29%, enquanto o rácio nos particulares subiu 0.01 p.p., para 2.05%, sobretudo o aumento do crédito vencido no consumo e outros fins, +0.06 p.p., para 6.85%.



2.2 Portugal - Estatísticas de Preços da Habitação ao nível local

O INE divulgou esta semana as *'Estatísticas de Preços da Habitação ao nível local'* as quais têm periodicidade trimestral. A unidade estatística observada é o alojamento familiar sendo a população alvo os alojamentos familiares transacionados por venda no território nacional.

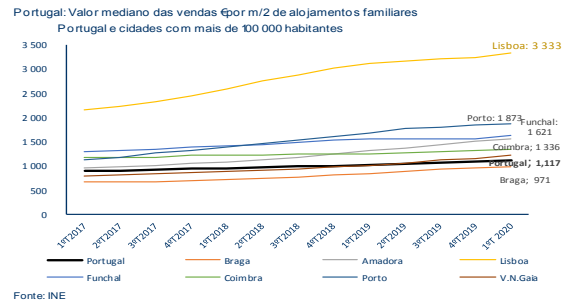
Nos 12 meses terminados no primeiro trimestre, o preço mediano da habitação foi mais elevado em 46 municípios do que o valor nacional (€1 117/m²). A maioria destes municípios localizam-se no Algarve (€1 668/m²) e na Área Metropolitana de Lisboa (€1 515/m²).

Lisboa (€3 333/m²) registou o preço mediano mais elevado do país e, com valores superiores a €1 500 €/m², destacaram-se ainda Cascais (€2 681/m²), Oeiras (€2 257/m²).

No Algarve, o destaque vai para Loulé (€2 221/m²), Lagos (€1 967/m²), Albufeira (€1 939/m²), Tavira

(€1 864/m²), Odivelas (1 847/m²), Loures (1 672/m²), Faro (€1 663/m²), Vila Real de Santo António (€1 594/m²), Aljezur (€1 592/m²), Lagoa (€1 591/m²), e Silves (€1 528/m²).

Relativamente a outras localidades, o destaque vai para o Porto (€1 873/m²), Odivelas (€1 847/m²), Loures (€1 672/m²), Funchal (€1 621 €/m²), Almada (€1 576/m²), Amadora (€1 563/m²), e Matosinhos (€1 520 €/m²).

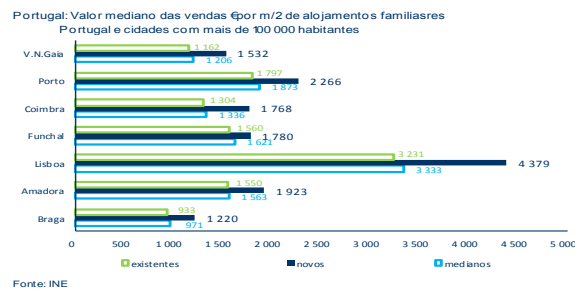


No primeiro trimestre de 2020, o **preço mediano de novos alojamentos** foi de €1 209/m² e para os **existentes** o valor fixou-se em €1 102/m².

A Área Metropolitana de Lisboa (€1 950/m²), o Algarve (€1 877/m²), a Região Autónoma da Madeira (€1 377/m²) e a Área Metropolitana do Porto (€1 336/m²) registaram um preço mediano de novos alojamentos acima do observado a nível nacional. No caso da cidade de Lisboa (€4 379/m²) e do Porto (€2 266/m²), os valores são significativamente superiores às respetivas áreas metropolitanas.

No caso dos alojamentos existentes as regiões que superaram o referencial nacional são as mesmas. O preço mais elevado verificou-se no Algarve (€1 627/m²), seguindo-se a Área Metropolitana de Lisboa (€1 473/m²), a Região Autónoma da Madeira (€1 211/m²), e a Área Metropolitana do Porto (€1 111/m²).

No caso dos alojamentos existentes observa-se igualmente uma predominância de preços mais elevados nas principais cidades de ambas as áreas metropolitanas. No caso de Lisboa, o valor é de €3 231/m², enquanto no Porto é de €1 797/m².

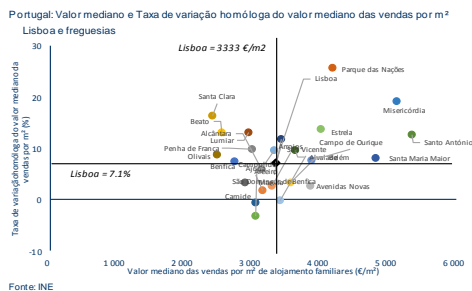


No 1º trimestre de 2020, as três freguesias de Lisboa que registaram os valores mais elevados foram a de Santo António (€5 340/m²), da Misericórdia (€5 112/m²) e de Santa Maria Maior (€4 807/m²).

Além das três freguesias anteriores, as freguesias do Parque das Nações, da Estrela, de São Domingos de Benfica, de Alvalade e de Campo de Ourique averbaram um preço mediano acima do valor da cidade de Lisboa (€3 333/m²) e taxas de variação homóloga mais acentuadas que a verificada na cidade (+7.1%), em particular a freguesia do Parque das Nações (25.7%).

As freguesias de Marvila, Carnide, Campolide, Alcântara, Ajuda e Arroios registaram preços e taxas de variação inferiores aos da cidade de Lisboa. As freguesias de São Vicente, Carnide e Campolide

foram as únicas com uma evolução negativa do preço.



DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.